

Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**A história, a memória e a polissemia dos relatos.**

Regina Beatriz Guimarães Neto\*

**Resumo:** O texto procura refletir sobre a produção dos textos escritos e o uso da fonte documental, segundo procedimentos metodológicos que norteiam a disciplina da História. As análises destacam a importância da estrutura narrativa dos textos, privilegiando o universo das ações cotidianas. Desse modo, apresentam diversas trilhas da memória que fragmentam o tempo e captam o movimento de mulheres e homens que descrevem a cidade através de suas trajetórias. Espaço e tempo se entrecruzam nas diversas visões em que não só produzem uma cartografia dos espaços praticados, mas representam a vida da cidade.

**Palavras-Chave:** Historiografia, Memória, Cidades.

**Abstract:** This text aims at reflecting about the production of written texts and the use of documental source, according to the methodological procedures that direct the history as science. The analyses highlight the importance of the narrative structure of the texts, favoring the universe of daily actions. Thus, they present several tracks of memory which fragment time and capture the movement of women and men that describe the city through their trajectories. Space and time intersect in different views in which they not only produce cartography of the practiced spaces but represent life in the city as well.

**Key words:** History, Memory, Cities.

### **1. A produção do texto historiográfico**

Em *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, na parte em que analisa a história/epistemologia, particularmente no capítulo sobre a “representação historiadora”, Paul Ricoeur (2000) afirma categoricamente que a tese constante de seu livro é que a história é totalmente escritura, desde os arquivos aos textos dos historiadores, sobretudo quando estes inscrevem os textos no mundo dos leitores. O livro de história é, portanto, resultado do trabalho de pesquisa com os documentos, da tarefa exercida para a construção da explicação/compreensão dos eventos e temas abordados e da obra de produção da escrita. Ou seja, o livro contém os rastros ou vestígios de um “fazer história”, assinalando a importância da contribuição de Michel de Certeau no que se refere às análises sobre a “operação historiográfica” (RICOEUR, 2000:311-312). Nesse sentido, deve-se estar atento às relações que se estabelecem entre “um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), os

\* Professora doutora Associada I da Universidade Federal de Mato Grosso e colaboradora do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: reginag@terra.com.br

procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura)”(CERTEAU, 1982:66). Esta combinação de um *lugar sócio-institucional da produção do discurso*, de *práticas científicas* e de uma *escrita*, permite explorar a produção do texto de história, em que as análises desenvolvidas não se apresentam exteriores aos objetos, mas são constitutivas deles. Mais ainda, permite compreender que as *realidades sociais* não preexistem às investigações, “fora” das experiências das quais tratam as pesquisas e os textos.

Certamente, o resultado de um estudo apresenta a rede intelectual na qual o historiador se encontra inserido, dialogando com os seus pares, e as regras metodológicas a que se submete, assim como as operações da escrita que norteiam a produção do texto. Trabalho constante que se realiza movido pelo gesto de reunir fragmentos diversos e, muitas vezes, esparsos, produzindo os documentos e as construções de significados relativos às investigações propostas. Operações que implicam efetuar deslocamentos primordiais, criando um outro lugar e significado para os objetos selecionados pela pesquisa.

Tal formulação dá atenção especial à produção dos documentos, entendendo que o ato de mudar um determinado registro (oral, impresso, fotográfico, entre outros) de lugar (um arquivo, uma biblioteca, etc.), tendo em vista um novo conjunto do qual fará parte, tem o poder de transformar e constituir estes mesmos registros em documentos (CERTEAU, 1982:81). Porém, é preciso ir mais além e observar que as questões propostas pela pesquisa precedem a escolha do *corpus* documental, orientando-o na análise e crítica das fontes, apontando a pertinência da documentação.

Estes pressupostos metodológicos, relativos ao *modus operandi* do “fazer história”, orientam as tarefas com quaisquer fontes utilizadas, sobretudo quando refletimos sobre a complexa relação do presente com o passado, em que este já não aparece constituído e acabado, identificado com um *real* dotado de existência própria e autônoma, mas como resultado da operação historiográfica.

A escrita como construção propriamente dita da história é o coroamento do ofício do historiador, desafio que se impõe nas diversas fases de seu trabalho. Nessa trilha, a prática historiográfica dedica-se a observar e debater o estatuto narrativo do texto, afastando-se cada vez mais da idéia de que a produção do conhecimento histórico prescindiria de uma estrutura narrativa. Isto colocado em razão da premissa de que para ser ciência ou ter um estatuto

científico, a história deveria funcionar segundo leis, cifras, série de números, controladas por meios técnicos (LE GOFF, 1993: 26-64 )<sup>1</sup>.

O destaque a esta questão ganha ainda maior relevo nas análises desenvolvidas por Paul Ricoeur. Segundo este autor, a história menos descritiva, e por isso, mais ligada à análise das estruturas, que se apóia em números, aproximações e determinações quantitativas, mesmo ela, também pertence ao campo da narrativa, ou seja, utiliza as figuras de linguagem e os modos de proceder da composição narrativa(1994).<sup>2</sup>

Assim, as figuras de linguagem e os procedimentos da narração na produção do texto historiográfico leva-nos a questionar o conhecimento histórico sob novas bases e a assinalar, também, a contribuição de metodologias que utilizam fontes diversas (questionando o reinado do documento escrito e fontes oficiais). Destacam-se, nesse sentido, as práticas de pesquisa que inserem no centro de suas preocupações a experiência narrativa, como a micro-história (REVEL, 1998; VAINFAS, 2002).

A emergência de novos temas e novas formas de escrita da história, salientando a sua dimensão narrativa, trouxe estratégias de abordagens bastante inovadoras, valorizando determinados registros que eram considerados de menor valor, como os relatos orais e imagens fotográficas, entre outros. Uma das questões mais importantes, nessa perspectiva, encontra-se no destaque que se pode dar à experiência dos atores sociais: privilegiando as ações humanas, as memórias biográficas e as trajetórias individuais e coletivas (AMADO e FERREIRA, 1996). Para tanto, ao selecionar e reunir as diversas fontes, o grande desafio é a produção do texto escrito, no qual os vários tipos de registros e relatos se apresentem encadeados segundo as ordenações do enredo ou da trama narrativa, situando-a no território da história.

Diante disso, os historiadores interrogam-se acerca da pertinência das atividades de pesquisa, comprometidas com deslocamentos primordiais que realizam diferenças e outros significados, como, por exemplo, o movimento das memorizações individuais e familiares (relatos, cartas, fotografias), de âmbito privado, para os arquivos, de natureza pública. Estes fabricam um outro lugar e significado para os testemunhos selecionados. Assim, a pesquisa é uma prática, atuando na formação dos arquivos (o gesto arquivístico) e dos documentos, estabelecendo elos cruciais entre as diversas fontes e as questões levantadas, de onde derivam ou engendram as análises e a construção do texto escrito, conforme os artificios narrativos. O eixo metodológico é a produção dos testemunhos como documentos, atualizando o vivido

---

<sup>1</sup> Conferir, ainda, a crítica de Paul Ricoeur em *Tempo e Narrativa*, no capítulo “O eclipse da narrativa”: 1994.

<sup>2</sup> Consultar especialmente a segunda parte do livro: “a história e a narrativa”.

segundo regras autorizadas que permitem articular os limites ou efetuar os recortes em diferentes temporalidades, compondo um espaço de representação ou um discurso sobre o passado (CERTEAU, 1982 e CHARTIER, 2002).

### **História e práticas culturais**

Estas reflexões, trazendo questões e problemas acerca da prática da pesquisa e a narrativa historiográfica, foram fundamentais no decorrer da investigação que realizei para o meu livro *Cidades da mineração – memória e práticas culturais*. Mato Grosso na primeira metade do século XX (GUIMARÃES NETO, 2006). Uma tensão/diálogo constante entre a produção e utilização das fontes orais e escritas e as estratégias metodológicas para a produção do texto historiográfico dominou todo o trabalho. As fontes que deram suporte e fizeram parte do *corpus* documental, apresentado no livro, encontram-se relacionados às ações das personagens pertencentes aos principais grupos sociais que participaram dos deslocamentos migratórios em direção a um dos estados do Brasil, Mato Grosso (situado na região Centro-Oeste e na Amazônia), na primeira metade do século XX. Território habitado pelo povo Bororo, a parte leste deste estado foi ocupada – movimento de conquista e usurpação das terras indígenas – pelos mineradores e pelos segmentos de pequenos proprietários rurais. Foram grupos sociais provenientes de duas grandes "frentes": das áreas rurais dos estados de Minas Gerais e Goiás, prioritariamente, à procura das terras devolutas do estado, para a formação de fazendas de gado; e das regiões Norte e Nordeste do Brasil, dirigindo-se às áreas de mineração, corrutelas e povoados, especialmente em busca das minas de diamantes. Deste movimento, pequenas cidades se estabeleceram nesta parte de Mato Grosso.

Neste trabalho procuro questionar uma historiografia que descreve o Centro-Oeste do Brasil sob o fogo cruzado do faroeste nas terras sem lei e sem ordem, apartadas do ambiente civilizado. Esta imagem, recortada no âmbito de noções culturais fortemente colonizadas, pode ser questionada quando a confrontamos com certos aspectos da organização e práticas culturais das cidades mineradoras, perscrutando os modos de proceder dos grupos sociais diante de regras instituidoras da vida urbana. Percebe-se que as cidades passam a ser lugares de transformações e referências de condutas, segundo padrões de comportamentos e costumes considerados civilizados. Isto não implica desconhecer dimensões sociais e culturais que diferenciam seu universo de outros centros urbanos, mas significa dizer que os padrões de conduta não seguem uma única via, e as investigações realizadas apontam diversas práticas culturais que permitem explorar as singularidades implicadas e constituintes daquelas formações sociais.

Trata-se, dessa forma, de trilhar outros caminhos e poder se debruçar sobre as janelas das pequenas cidades, conhecer um pouco de sua vida – trechos fragmentários –, esmiuçando práticas, maneiras de viver e de pensar de seus habitantes. Por meio de condições muitas vezes previsíveis e outras completamente adversas e inesperadas, consegue-se perceber, nos meandros de suas narrativas e mesmo de outros registros, invenções e estratégias cotidianas de enfrentamento do mundo, tornando as experiências passíveis de serem estudadas. As cidades configuradas nesse espaço da mineração do diamante apresentam iniciativas culturais que desfazem representações que as estigmatizam como o lugar próprio do atraso e da incivilidade.

### **A experiência do jornal *Novo Mundo***

Passo a destacar, em poucas linhas, as atividades de um jornal literário – o *Novo Mundo*, em meados da década de 40 do século XX, na pequena cidade de Lageado (depois Guiratinga), considerada centro cultural, econômico e político da zona mineradora, procurando participar dos acontecimentos que mais se destacam na vida cultural do país. Para aquele órgão literário, as notícias da Academia Brasileira de Letras são vistas como informações obrigatórias, e mesmo as informações provenientes da Europa (sem se esquecer de todo o seu louvor aos escritores das Américas). E, ao corresponder com outros órgãos de difusão cultural das principais cidades do Brasil, como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, cidades do Maranhão, de Minas, de Goiás e do próprio estado de Mato Grosso, sobretudo da capital, Cuiabá, o editor e seus colaboradores regulares solicitam contribuições de escritores para participarem de suas páginas. É importante assinalar uma grande participação de mulheres, sobretudo poetisas, que colaboram com o jornal e, ao enviarem sua produção, textos, informações, poesias, congratulam-se com a iniciativa do seu diretor, Raimundo Maranhão, recebendo poesias com dedicatórias a sua pessoa. Além da participação com poesias, as escritoras também remetem para o *Novo Mundo* anúncios das exposições de livros femininos, publicações de romances e poesias, encontros literários, "mensagens para as mulheres americanas", etc. A maior parte da correspondência com escritoras vem do Uruguai, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. O *Novo Mundo* chega a receber correspondência em grego, em chinês, contudo, a maior parte aparece em espanhol e português. Da América Latina, o número mais expressivo de contribuições, com assuntos bastante variados, do mundo das letras e das artes, é do México, Cuba, Chile, Argentina e Uruguai.

Transcrevo, embora um pouco longo, mas muito expressivo, um artigo publicado no *Estado de S. Paulo* de 15 de fevereiro de 1946, de Afonso Schmidt – "Os sonhadores" – que o *Novo Mundo* traz estampado em sua primeira página:

*Aquele jornalzinho chama-se "Novo Mundo", e o seu título (...) lhe convém. É um quinzenário de oito páginas (...) compensadas pela obra que realiza. Basta lembrar que o seu intuito é o intercâmbio cultural nas três Américas (...) Em suas páginas encontra-se o resumo das atividades literárias e artísticas do país inteiro, incluindo, de preferência, as regiões mais afastadas que, contando escritores de mérito, como Mato Grosso e Goiás, não são lembradas na nossa vida literária (...) Ao mesmo tempo, lá vem o retrato de Hecilda Clark, do Rio, e Eunice Tavares, diretora do periodico "Mensaje", em Salto, no Uruguai, duas figuras femininas que lutam bravamente para que os latino-americanos se conheçam através de suas obras de arte e se estimem (...) O jornalzinho de Raimundo Maranhão Ayres (é esse o nome de seu diretor) está repleto de prosa e verso, tanto de escritores brasileiros, como também de seus colegas de toda a América Latina, com os respectivos endereços, para o caso dos leitores daqui e de alhures desejarem corresponder-se entre si. Nesse elenco internacional encontram-se representados homens de letras argentinos, uruguaios, chilenos, bolivianos, paraguaios, hondurenses, equatorianos e "tutti quanti". Supõe-se que um periódico disposto a realizar obra tão viva e oportuna tenha a redação no Rio de Janeiro, Recife, Salvador, São Paulo ou Porto Alegre, quando menos pela facilidade de comunicações com o mundo. Esse não. Uma das maiores curiosidades que surpreendem aos leitores é o seu endereço: Povoação de Guiratinga, perto da vila de Lageado, Mato Grosso. A correspondência deve ser encaminhada via Uberlândia, Estado de Minas...Foi lá que o poeta pendurou a lâmpada do seu sonho, para ser vista e compreendida em todos os ângulos da América<sup>3</sup>. (Novo Mundo, Guiratinga, março de 1946)*

Este texto afirma a positividade da capacidade intelectual daqueles que escrevem, mas não fazem parte dos centros hegemônicos de cultura no país. Ao mesmo tempo, expressa um olhar colonizador, de estranhamento para o fato da *cidade do sertão* produzir e participar de atividades culturais consideradas próprias das maiores cidades do país. É necessário ampliar nossas investigações para melhor entender o mosaico das práticas culturais no Brasil. Entre outras atividades, como as encenações teatrais, os saraus, as leituras de romances e poesias compartilhadas, mais as festas populares, como as festas de santos e os carnavais, que envolviam quase toda a comunidade, produziam-se iniciativas culturais que reinventavam a vida nas pequenas cidades. Nesses momentos – suspensão do tempo ou, como sugere Mikhail Bakhtin (Rabelais), “tempo do riso” – fundava-se um espaço festivo, integrando ruas e casas, espaços culturais que se insurgem contra o estigma do lugar selvagem, bárbaro ou incivilizado, não apenas do ponto de vista de uma cultura letrada, mas fazendo circular outras práticas, interferindo nos padrões de comportamento social.

<sup>3</sup> É significativo perceber a confusão sobre a localidade, sede do jornal: Guiratinga, denominação atual da antiga Lageado. Uma matéria, com o mesmo teor, foi publicada na *Folha da Tarde* (9/06/46), que o *Novo Mundo* apresenta nos números concentrados de julho/agosto/setembro de 1946.

### Referências Bibliográficas

- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, R. A história entre narrativa e conhecimento. In: *À beira da falésia. A história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da mineração: memória e práticas culturais. Mato Grosso na primeira metade do século XX*. Cuiabá: EDUFMT, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Tempo e narrativa*, tomo I, Campinas: Papirus, 1994.
- VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.